

# **EDUCAÇÃO INCLUSIVA E PSICOMOTRICIDADE: PROMOVENDO O DESENVOLVIMENTO PLENO DE TODAS AS CRIANÇAS**

Lilianne Moreira Dantas – Graduanda – UFC

Elismária Catarina Barros Pinto – Graduanda – UFC

Flávio Muniz Chaves – Graduanda – UFC

O presente trabalho é fruto da disciplina de Psicomotricidade ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, no curso de graduação em Pedagogia. Na busca de desenvolver de forma plena os indivíduos, é que a psicomotricidade vem tomando espaço na educação para proporcionar a interação das crianças com o meio e possibilitar suas expressões corporais e aprendizagem. Para compreender como aplicar este conceito num cotidiano escolar inclusivo foram propostas atividades de campo que se dividiram em quatro etapas: (i) visita a uma escola da rede municipal de Fortaleza em turma de 1º ano do Ensino Fundamental I na qual houvesse alunos com deficiência, para diagnóstico; (ii) planejamento das aulas; (iii) aplicação das atividades; (iv) discussão dos resultados obtidos com o grupo. Para a elaboração das atividades foram realizados estudos teóricos e orientações da professora, norteados por práticas significativas, contextualizadas e que possibilitassem a participação de todos. Durante a prática percebeu-se que as crianças ficam mais atentas e se relacionam melhor com o conteúdo quando fazem parte de sua construção. As diversas atividades de movimento relacionadas com o tema higiene corporal foram favoráveis para seu desenvolvimento cognitivo e motor. Os resultados indicaram que é necessário que os professores elaborem e pratiquem atividades psicomotoras dentro dos conteúdos desenvolvidos em sala para promover a atuação do movimento sobre o intelecto, relacionando-se com a afetividade, o pensamento e o nível de inteligência. Desta forma, as crianças puderam reconhecer seu corpo, interagir com o meio e aprender conceitos e técnicas sobre higiene corporal.

**Palavras-chave:** Psicomotricidade. Educação Inclusiva. Práticas Pedagógicas.

## **1. INTRODUÇÃO**

A sociedade contemporânea vem mostrando-se cada vez mais individualista, gerando a diminuição do contato entre as pessoas. Além disso, o grande estímulo ao consumismo acaba por suscitar a violência, o que reflete no comportamento social, que vem tornando as pessoas mais reclusas aos seus lares, diminuindo sua interação com os meios físico e social.

Estas mudanças refletem também nas crianças e em sua educação. Diferentemente da infância de outros tempos, as crianças vem experimentando menos o mundo e acabam por prender-se aos seus quartos e jogos eletrônicos como meio de garantir sua segurança.

A criança se relaciona com o mundo através do movimento e, para tal utiliza-se de suas capacidades motoras, intelectuais e afetivas. Como então proporcionar esta

relação, já que é cada vez menos comum encontrá-las brincando nas ruas, em contato com o outro e com o meio ambiente? A escola acaba por assumir este papel de estimular nas crianças o movimento e suas possibilidades de aprendizagem. Portanto, não só ter nas escolas espaços que dêem condições da criança experimentar e se mover, mas também levar para a sala de aula práticas que permitam a participação de todos e que incluam a experimentação com o corpo e com o movimento no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, é preciso definir motricidade, psicomotricidade e sua relação com a aprendizagem. Entende-se por motricidade a faculdade de se mover por vontade própria, ter domínio sobre seu corpo, agilidade, destreza e locomoção (BUENO, 1998). Já a psicomotricidade relaciona a motricidade com o psiquismo. De acordo com Lapierre (1989) a psicomotricidade considera o indivíduo de forma global, levando em conta o ser e suas interações com o ambiente.

Bueno (1998) afirma que a psicomotricidade estuda as implicações do corpo, suas vivências, o campo dos significados das palavras e a interação entre os objetos e o meio para realizar uma atividade. O desenvolvimento psicomotor dividi-se em duas fases: a primeira infância (0 a 3 anos) e segunda infância (3 a 7 anos), alcançando a maturidade aos 8 anos, por isso a importância dos estímulos nesse período.

Estimular o desenvolvimento psicomotor nas crianças gera a construção de uma consciência dos movimentos corporais integrados com sua emoção e expressados por esses movimentos. Didaticamente, os conceitos trabalhados na psicomotricidade são chamados de condutas psicomotoras e subdivididas em: funcionais (coordenação motora, equilíbrio, tônus, lateralidade, esquema corporal, organização espacial) e relacionais (expressão, comunicação, afetividade, limites e corporeidade) (Bueno, 1995).

A educação inclusiva, processo que vem se expandindo e firmando raízes na educação e na sociedade brasileira, visa promover uma educação de qualidade para todos. Numa escola inclusiva todos são atendidos de acordo com suas necessidades e é promovida a construção do conhecimento a partir de suas capacidades, formando cidadãos ativos e que respeitam o outro e consideram as diferenças.

O presente estudo tem o objetivo refletir sobre a elaboração de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento pleno (corporal e cognitivo) de todas as crianças, com ou sem deficiência, através dos conceitos básicos da Psicomotricidade

utilizando atividades que envolvam um tema gerador, relacionado aos conteúdos programáticos.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa é de natureza descritiva e qualitativa, pois apresenta características de um determinado grupo e analisa as relações entre as variáveis do fenômeno em estudo. Foi realizada em uma escola da rede municipal de Fortaleza-Ceará, em uma sala de aula do 1º ano do ensino fundamental. A sala era composta por vinte e seis alunos matriculados, entre eles um que apresentava perda parcial de audição, dificuldades na fala e, de acordo com a professora, dificuldades de aprendizagem. Os alunos tinham entre 6 e 8 anos.

Para o levantamento de dados foi utilizado, como método, a observação e o registro de modo não participante, trocando idéias, com a professora, sempre que necessário. A observação baseou-se nos conceitos psicomotores e de educação inclusiva, procurando verificar o desenvolvimento motor dos alunos, como a professora os estimulava e as possibilidades de participação de todas as crianças. Além disso, averiguar também qual conteúdo seria apropriado desenvolver com o grupo para fundamentar as atividades.

Em seguida realizou-se o planejamento da oficina, que deveria relacionar conteúdo programático, práticas inclusivas e que estimulassem o desenvolvimento psicomotor. A aplicação aconteceu em três dias seguidos, no período da tarde. A avaliação das atividades foi realizada em conjunto com a orientação da professora da disciplina.

## **3. O DIAGNÓSTICO PEDAGÓGICO**

O diagnóstico como processo pedagógico permite aproximação com a realidade escolar, com o cotidiano de sala de aula e com alunos e professores. Esta aproximação permite conhecer as particularidades dos grupos e os alunos individualmente, suas necessidades, capacidades e habilidades. Acrescenta-se também uma análise sobre as relações entre os alunos e destes consigo e com o professor.

Para realização deste diagnóstico, a observação foi o instrumento utilizado. A escola onde a pesquisa foi realizada apresentava um espaço físico satisfatório, sendo

amplo e bem dividido, com quadra de esportes, espaços verdes, refeitório, salas de aula espaçosas e bem iluminadas, dando condições para realização de atividades extra-sala.

Na sala de 1º ano na qual o estudo foi realizado encontramos um amplo espaço pouco aproveitado pela professora. Apresentava as cadeiras dispostas em fileiras, direcionadas ao quadro, onde do lado ficava o birô e a estante da professora. Não havia espaços lúdicos, nem de leitura. Era solicitado dos alunos que permanecem sentados e quietos, observando o que a professora explicava. Não havia exposição dos trabalhos produzidos pelas crianças e a lousa apresentava muitos cartazes produzidos pela escola, tornando confusas as informações.

Durante a observação, a professora ministrava uma aula sobre um assunto presente no livro didático. Em seguida realizou atividade de leitura, na qual as crianças escolhiam aleatoriamente os livros para em um segundo momento ser lido pela professora. No transcorrer das atividades, percebeu-se que: não era permitido aos alunos sentar ou deitar no chão para contemplação do livro; era constante a solicitação da professora para que os alunos permanecessem sentados; no momento da leitura do livro escolhido as crianças permaneceram sentadas e poucos puderam contribuir/falar.

Poucos são os momentos que promovem a relação entre os alunos e, em relação ao aluno com deficiência (chamaremos de João) percebemos que ele observa o que está acontecendo na sala, mas não se sente a vontade para participar. Ele parece ativo, movimenta-se bastante, o que demonstra, de acordo com a professora, uma dificuldade de concentração.

Na saída para o intervalo, os alunos permaneceram enfileirados de acordo com a organização imposta pela professora. No intervalo as crianças corriam pela quadra e pelo pátio, livremente, sem orientação ou coordenação de um adulto. Brincavam muitas vezes de forma violenta, reproduzindo brigas corporais. Ao retornarem, também em fila, sentam-se e realizam um momento de relaxamento, de cabeça baixa e luz na penumbra.

Em outras atividades propostas, percebeu-se a predominância de cópias, atividades dos livros e poucos momentos que propiciassem a movimentação dos alunos, tão pouco atividades planejadas para o desenvolvimento psicomotor dos alunos. Ao contrário, os alunos eram orientados a permanecerem em silêncio, quietos e sentados. De acordo com Wallon, apud Galvão:

Segundo a visão academicista, considera-se que a criança só aprende se estiver parada, sentada, concreta. Ora se lembrarmos das características da atividade infantil, veremos que isso não é verdade, pois o movimento (sobretudo em sua dimensão tônico-postural) mantém uma relação estreita com a atividade intelectual (...) a imposição de imobilidade por parte da escola pode ter efeito contrário sobre a aprendizagem, funcionando como um obstáculo. (Galvão, 1995, p.110)

Portanto, pensou-se em promover atividades que possibilitassem não só a movimentação das crianças, como também desenvolver aspectos psicomotores como lateralidade, coordenação motora e fina, criatividade, equilíbrio, entre outros, além de utilizar de ferramentas lúdicas para alcançar seu interesse.

#### **4. VAMOS DAR UM BANHO NO CASCÃO**

Partindo do diagnóstico, foi elaborado o projeto intitulado *Vamos dar um banho no Cascão* utilizando o personagem da revista em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, que não gosta de tomar banho. Portanto, o tema gerador foi a higiene pessoal.

Foi elaborado um jogo no qual a cada atividade realizada pelas crianças, o boneco do Cascão andaria uma casa em direção ao chuveiro. O objetivo do jogo era conseguir dar um banho no personagem.

Como este não tinha o hábito de higiene, precisávamos ensinar a ele ações como lavar as mãos, os cabelos, escovar os dentes, limpar as unhas, passar sabonete todas relacionadas aos objetivos da psicomotricidade como lateralidade, orientação espacial, coordenação motora e pensadas de modo a permitir a participação de todos os alunos, inclusive de João.

A princípio, elaboramos com o grupo o conceito de higiene, socializando com o grupo e fazendo com que estes reconhecessem e expressassem diversas posições (percepto motor). Em uma roda de conversa, tendo cuidado em deixar João sempre próximo dos aplicadores para que pudesse ouvir melhor e ter contato direto com os materiais, ouvimos o que eles tinham a dizer sobre o tema e sobre o personagem.

Formado o conceito, convidamos os alunos a construir um boneco do Cascão utilizando canos, isopor e tecido TNT, estimulando a criatividade e proporcionando atividades de encaixe. Confeccionamos também o caminho que o boneco deveria

percorrer até o chuveiro e o próprio chuveiro. Finalizada a atividade, o Cascão dá seu primeiro passo.

Posteriormente foram sendo propostas outras atividades como ensinar o Cascão a tomar banhos, mostrando como ele deve lavar os cabelos e o corpo; a lavar as mãos antes das refeições; a escovar os dentes utilizando creme dental, escova, fio e exaguante bucal; todas utilizando o próprio corpo das crianças como recurso que, à medida que ensinavam, experimentavam as ações, aprendendo as noções básicas de higiene corporal.

Este tema foi escolhido por ter sido observada a falta de zelo das crianças com a própria higiene e a não estimulação da escola em promover, por exemplo, a lavagem das mãos antes das refeições.

Foram utilizados recursos visuais, como vídeos, e nesse caso, como João ouvia parcialmente, foi colocado mais próximo à TV; matérias de higiene como xampu, sabonete, creme, escova e fio dental além de dentadura e escova grande para ensinar aos alunos a escovação correta.

Todas as atividades giravam em torno dos objetivos de ensinar o Cascão a tomar banho e de levá-lo ao chuveiro, o que tornou as atividades interessantes e significativas. Como culminância, foi realizado um banho, em espaço próprio da escola, com todas as crianças e o Cascão.

Como avaliação, além das falas dos alunos, dizendo o que haviam aprendido, realizamos uma atividade de expressão artística e de escrita, na qual deveriam desenhar o novo Cascão e dar a ele um novo nome.

## **5. A PSICOMOTRICIDADE DAS CRIANÇAS**

As crianças tinham uma linguagem bem desenvolvida: gostavam de conversar, perguntar e dialogavam bem sempre que solicitado. Apresentaram fácil socialização e rápida adaptação ao novo. No decorrer das atividades percebeu-se o bom desenvolvimento psicomotor das crianças no que diz respeito ao desenvolvimento motor, perceptivo, emocional e intelectual.

Apresentaram um desenvolvimento na coordenação motora geral, pois realizavam satisfatoriamente atividades como andar, montar, caminhar com o boneco. A

coordenação motora fina também era bem desenvolvida, conseguiram pentear os cabelos, utilizar o sabonete, desenhar e pintar, escrever sobre linha, escovar os dentes e utilizar o fio dental.

Em relação ao equilíbrio, durante as atividades de reprodução dos movimentos do banho, realizados com ele em pé, e durante o próprio banho, as crianças conseguiram se equilibrar em uma perna só, ficarem estáticos e em fila. Os alunos demonstraram apresentar conhecimento sobre o corpo, reconhecendo-as e nomeando-as.

Porém, apresentaram dificuldades na lateralidade, confundindo esquerda e direita; estrutura espacial, dificuldades em formar as rodas de diálogo e de aproveitamento dos espaços. Outro aspecto foi a de afetividade, pouco desenvolvido e estimulado nas crianças. A agressividade era comum e os conflitos entre os alunos não eram sanados pela professora através de diálogo, apenas por repressão.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atividade proposta veio engrandecer e ampliar os conhecimentos a cerca da formação dos indivíduos, fazendo observar o desenvolvimento e o ensino além dos conteúdos.

O desenvolvimento e a aplicação da oficina contribuíram para construção de reflexões sobre a necessidade de se estimular os conceitos psicomotores na infância e a preocupação com práticas educativas inclusivas que possibilitem a aprendizagem e evolução de todas as crianças e, principalmente partindo delas.

A atuação pedagógica deve então superar a situação de exclusão, utilizando da heterogeneidade como recurso nas práticas em sala de aula, preocupando-se com o desenvolvimento pleno das crianças. Cabe ressaltar que a psicomotricidade sozinha promoverá a evolução dos sujeitos.

Por isso, a importância da integração e da parceria no trabalho pedagógico e na preocupação de conhecer os diversos meios de desenvolvimento e evolução dos sujeitos para promovê-los nos espaços escolares.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade: Teoria & Prática**. São Paulo: Lovise, 1998.

FIGUEIREDO, Rita Vieira. A escola de atenção às diferenças: In: Figueiredo, R.V; Boneti, L.W; Poulin, J.R. (Orgs). **Novas Luzes sobre a Inclusão escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 51-69.

LAPIERRE. A. **A educação psicomotora na escola maternal**. São Paulo: Manole, 1989.

LE BOUCHE, J. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MANTOAN, Maria T. E. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003.